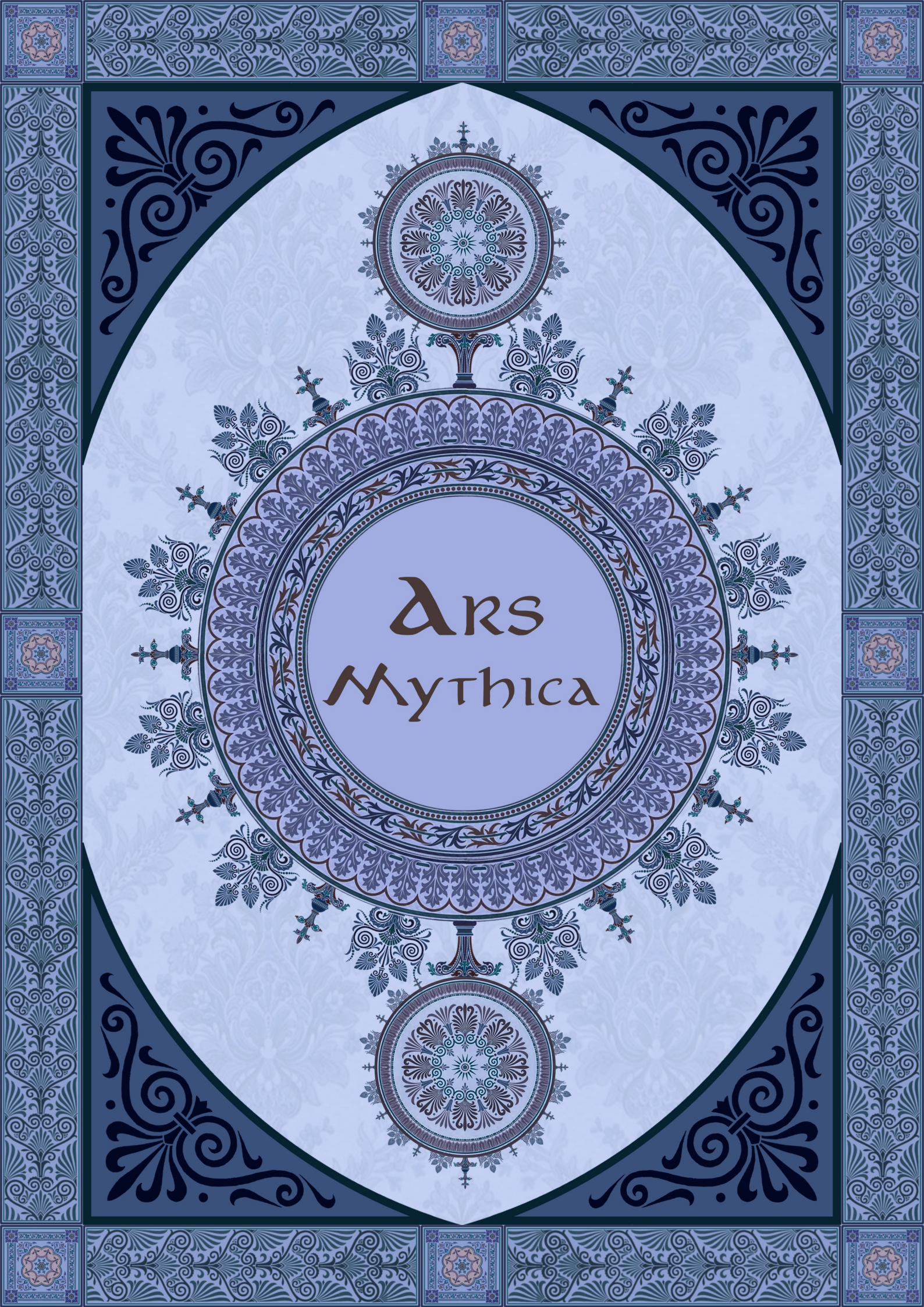




PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"Eos" (1895) - Evelyn De Morgan

Capítulo VIII

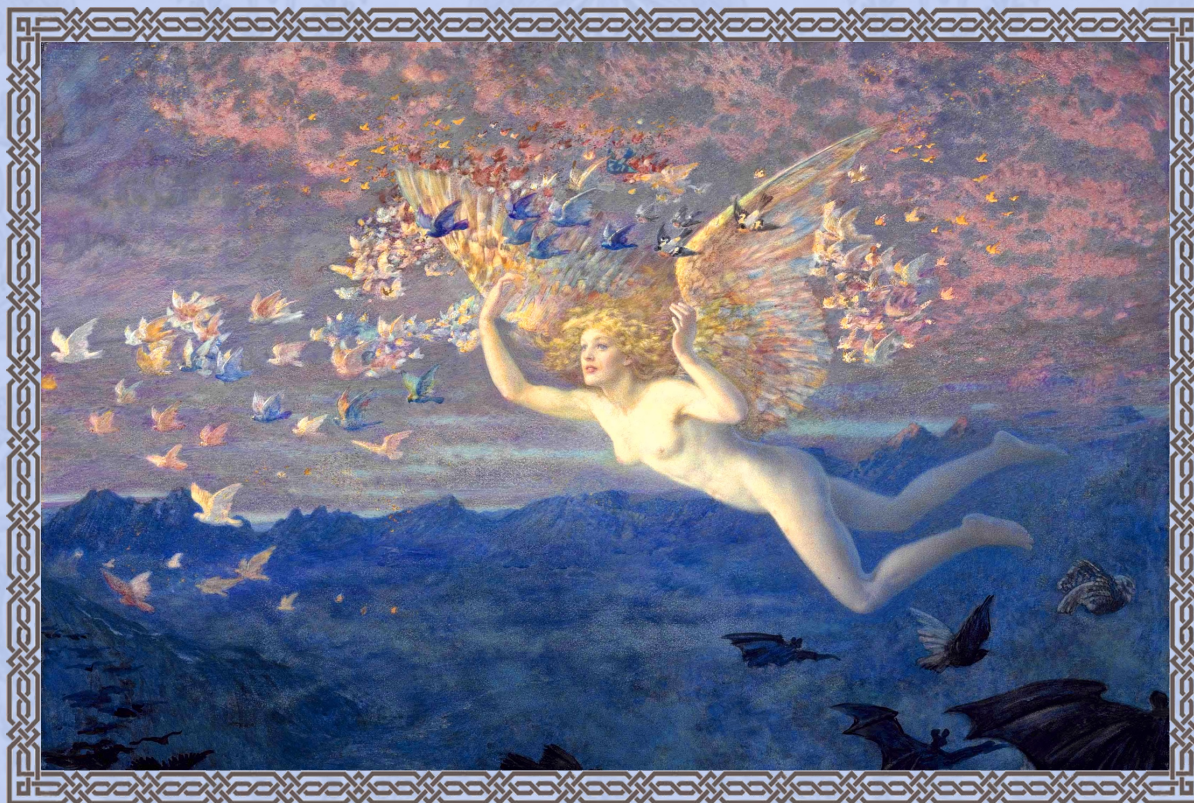
Os Mundos Superiores

A PONTE

1. Emergir do Submundo não é mera ressurgência, mas renascimento: o ser que se ergue não é o ser que entrou, mas uma criatura mitificada, tomada consciente de todos os papéis, justamente por abandoná-los todos.

2. Viu o vazio insidiosamente oculto no âmago do jogo de narrativas que moldam as histórias humanas, e desfez-se delas.

3. Com isso, sem perceber, fez-se pronta para verdadeiramente descobrir seu papel dentro do não-papel, na dança de criação e destruição da história sem fim.



"Wings of the Morning" (1905) - Edward Robert Hughes

4. É, portanto, na escuridão da profundidade que a alma se abre para a Luz, e dela recebe a força que precisa para levantar-se e começar a subir, na jornada de desesquecimento de si mesma.

5. Esqueceu-se de si ao vestir um rosto e cair no Mundo-História, mas agora o Dragão cortou-lhe a cabeça e concedeu a dádiva da chance de lembrar: ela precisa atravessar, decapitada, a Ponte Arco-íris.

6. Do outro lado aguarda o Guia, pronto para ensinar a alma como ela pode fazer uma nova cabeça para si, e alguns chegam a dizer que o próprio Guia é essa nova cabeça.

7. Muitos descrevem a Ponte como um canal de ignea natureza atravessando pelo centro a Montanha Sagrada, passando por todos os planos até chegar-lhe ao Cume, e de lá para o Céu.

O NÉCTAR

8. O Mundo Inferior é o local da morte e desintegração do herói, aquele que nasceu para enfrentar o Dragão, o Medo dos Medos, e viveu em função de sua obra de coragem e sacrifício.

9. Entretanto, ao superar a Serpente, o herói supera também a si próprio, pois ele é Coragem, e a Coragem uniu-se ao Medo no paradoxo do espelho, onde ambos desapareceram.



"A Duquesa de Chartres como Hebe" (1744) - Jean Marc Nattier



"Bacante" (1894) - William-Adolphe Bouguereau

10. Assim como o Guerreiro morre para renascer como herói, o herói morre para renascer como Mestre: a luta transcende em sacrifício, o sacrifício transcende em Visão.

11. Tendo descoberto em si mesmo o Santo Graal e esvaziado-lhe os conteúdos espúrios durante sua ordália na Escuridão, o herói, agora reintegrado como Taça Vazia, fez-se apto a receber o Néctar como dádiva do alto.

12. Muitos são os seus nomes e muitas são as bebidas sagradas dos vivos que o conduzem para a matéria, seja na simplicidade do leite, vinho ou hidromel, seja em preparações misteriosas de plantas insuspeitas.

13. Concedido sempre por pura graça divina, nunca é o mérito do recipiente que faz o Néctar descer, e de fato ele desce, para alguns gotejando-se demoradamente, para outros em copiosa torrente.

14. Diz-se que o Néctar da Imortalidade vertido na Taça não é senão outra imagem da Fonte da Memória, e vice-versa, assim como a imortalidade



em si não é senão o desesquecimento da Gnose.

15. Conforme o Herói renuncia a seu passado, alivia o peso extra de sua alma que, subindo, recebe mais de sua parte em Néctar, embora possa-se também dizer exatamente o contrário: que é justamente a graça do Néctar que a arrebatou para cima e a faz soltar o passado.

16. Verdadeiramente, o que o excesso de passado imprime na alma é a ilusão de ter se definido: acredita-se algo definitivo e esquece sua natureza eterna de inesgotável possibilidade.

17. Do fundo da Escuridão, firmemente ancorado em sua equanimidade e sua aspiração por transcendência, o Herói ascende pelo Eixo do Mundo conforme sorve da Taça, em direção aos Reinos Superiores.

GNOSIS

18. O aprendiz pensa ser gota no oceano; o místico discorda, ao perceber-se oceano em uma gota. O Sábio, contudo, concorda com ambos.

19. O que torna sábio o Sábio não é qualquer conhecimento aprendido em palavras ou algum poder miraculoso de magia, mas simplesmente a vista ampliada pela altura da Montanha, pois se na Caverna o Horizonte estreito constrange a consciência, no Cume ela se expande, espaçosa, empurrando ao infinito seu horizonte.

20. Damos a essa Visão o nome de Gnose, que gradualmente progride, assim como pouco a pouco se expande a vista ao longo da caminhada rumo ao cume.

21. Muitos dizem que essa ascensão se dá por um canal secreto que atravessa verticalmente a Montanha, pois o Centro do Mundo não é um ponto, mas um Eixo.

22. Outro dos nomes desse Eixo Central é Equanimidade, pois o Herói ascende por seus patamares como a uma grande escadaria mística e, a cada patamar, um aspecto da fabricação da realidade é sacrificado e reabsorvido pela Equanimidade, assim como, para descer, dá-se exatamente o contrário, e um quinhão de equanimidade se diferencia para participar da fabricação.

23. Ao longo da progressão da Gnose, a mente expande o referencial que usa para mapear a realidade. O primeiro referencial é o corporal: há apenas frente, costas, direita e esquerda, acima e abaixo.

24. O segundo é o topocêntrico, e já permite



"A Visão de Ezequiel" (1518) - Raphael

integrar a visão de toda a tribo no consenso das direções cardeais, pois agora há um Leste, Oeste, Norte e Sul compartilhados.

25. O terceiro integra todas as tribos e a visão de toda a Terra, agora vista como uma e por isso o chamamos geocêntrico.

26. O quarto referencial é o heliocêntrico, pois a consciência identifica-se agora com o Sol que ilumina o microcosmo e integra a visão de todas as esferas celestiais.

27. Assim, de animal solitário, a mente passa a ver-se como animal social, então como ego e, enfim, como microcosmo: o Todo manifestado na Parte.

28. Diz-se haver outros referenciais ainda mais amplos, acessíveis aos que aprenderam a ver além do Horizonte e do próprio microcosmo, mas sobre esses não há ainda nada a dizer.

PROGRESSÃO DA GNOSIS

29. Para muitos, progredir na Gnose é como subir o grau de Iluminação, justamente porque quanto mais avançar nesse caminho, mais o Herói consegue Ver.

30. Melhor discerne a verdadeira natureza das





"Sense of Sight" (1895) - Annie Louisa Swynnerton

coisas e saltam-lhe aos olhos os arcanos escondidos em todo canto da experiência: a Árvore por trás de toda árvore, a Pedra por trás de toda pedra.

31. É quanto o Herói se rendeu à sabedoria concedida por seu próprio Guia, e o quanto ela ativou e harmonizou os arquétipos dentro de sua mente.

32. É, também, a medida em que o Herói verdadeiramente acredita na Magia, e não meramente o quanto sua mente pensa que acredita, pois é longa a jornada para incorporar suas epifanias à base dos próprios processos mentais.

33. Enfim, a progressão da Gnose mapeia o quanto o Herói consegue habitar o momento presente, tomando-se, pouco a pouco, um verdadeiro canal para o Dinamismo do Agora.

34. Todas essas definições concedem vislumbre sobre a essência da Gnose, porém sua plena compreensão não surge de palavras, mas do silêncio apenas.

35. Assim como buscar o Graal é a única tarefa digna ao Cavaleiro, perceber e praticar a Verdade é a única coisa de valor na vida, todo o resto é como o rolar no leito antes de se levantar, e procrastinar no Despertar.

36. O Despertar é de fato o primeiro marco, e aquilo que antes parecia o fim da Jornada mostra-se ser apenas o começo.

Epifania

37. Assim como o Néctar é bebido em goles, a progressão da Gnose se dá em passos revelatórios de súbita e libertadora compreensão da verdade das coisas, as epifanias.

38. Não são experiências, mas podem ser catalisadas por elas ou colocá-las em movimento; tampouco são fenômenos, mas podem se manifestar através deles e neles próprios.

41. A epifania em si é sempre-jovem, uma âncora eterna no dinamismo espiritual do Agora, mas a



A Canção dos Bem-aventurados no Sexto Céu (1850) - Gustave Doré

compreensão que a mente tem de sua lembrança pode amadurecer, conforme é gradualmente integrada e consolidada uma nova base perceptiva, tanto quanto a mente integrada em uma nova base perceptiva se abre à epifania.

40. Para o espírito, é uma chave girada. Para a mente, um conceito apreendido, mas, para o corpo, é longo e árduo treino, pois a epifania é plantada na mente como uma semente, e como uma semente ela brota, cresce e naturalmente rende seu fruto, no devido tempo.

41. Assim, é o retorno à vida ordinária que completa o obra da epifania, no devido tempo assimilada em todo aspecto, mágico ou mundano, da vida.

42. Através da graça divina das epifânias, a alma ganha acesso aos chamados Mundos Superiores.

Os Mundos Superiores

43. O Reino é um mundo médio onde sagrado e profano confluem e se equilibram, é um Céu e ao mesmo tempo um Inferno. O chão firme em que pisamos é precisamente a interface entre eles, um estado de referência a partir do qual todos os outros são medidos.

44. Estados mais profanos de aprisionamento são Infernos, onde se cai ainda mais fundo nas ilusões da materialidade. Os Céus, em contrapartida, são estados mais sagrados de transcendência que

rompem, um a um, os grilhões que confinam o espírito, conforme o próprio espírito renuncia a eles, e os deixa para trás.

45. De fato, ascender pela divina escadaria das esferas celestiais, receber-lhes as epifânias de Gnose e iluminar-se são apenas três diferentes nomes para uma mesma e única coisa.

46. Pode parecer que os Céus, sendo domínios espirituais, não são meramente lugares, e sim estados abstratos de consciência expandida. A questão é que, nos domínios espirituais, os estados de consciência são literalmente lugares, adornados por rica geografia e repletos de habitantes, guardiões e governantes, e estradas para se caminhar.

47. Se os Infernos são vícios, Céus são virtudes. Assim como as virtudes, o número de Céus depende de como se olha: há tantos deles quanto se precise ou queira.

48. Cada Céu é um território, a manifestação Yin de uma virtude, enquanto sua manifestação Yang é um regente, chamado Celestial. Céu e Celestial pertencem um ao outro e espelham-se mutuamente, pois território e regente não são de fato dois, mas um.

49. Por isso, aquele que alcança excelência na virtude, o chamado Herói, não adentra o Submundo pelo Rio dos Mortos no advento de sua passagem, mas segue outro caminho e eleva-se aos Céus, como escolhido dos Deuses.

50. Alguns tornam-se habitantes do Jardim, seres de mito e fábula tal como elfos de luz, semideificados por seus atos na Terra.

51. Outros sobem ainda mais e, transcendendo a mortalidade, são aceitos no Palácio entre os próprios deuses, na mais alta honra possível, e alguns dizem até que a Alma digna de tal destino



Os Deuses no Monte Olimpo - Antonio Verrio

toma-se uma estrela e encontra para si uma morada entre as constelações do Céu Noturno.

52. O Céu, contudo, não é o que disseram que seria, e os salvos não estão para sempre felizes.

53. Como contraparte luminosa à escuridão do Mundo Inferior, o Céu é. Há, é claro, o Céu além dos Céus, a virtude das virtudes, tão virtuosa que abarca até mesmo os vícios delas. Esse é o Céu não-dual, o Céu como Zero.

54. O Céu é Um como simplesmente o Demiurgo e sua habitação, envolto por círculos de inumeráveis ministros que constituem-lhe o séquito, e por todos os eleitos, que ali firmam morada em eterna bem-aventurança.

55. O Céu também é Sete, como notáveis Sete Esferas Celestiais, abstraídas da imagem das órbitas dos Planetas e Luminares dos astrólogos, como esferas concêntricas ao redor da Terra, isto é, a manifestação fenomênica.

56. Pelo olhar terreno, entretanto, essas esferas estão todas sobrepostas, pois não se estendem no espaço ordinário, mas na imensidão etérea da Luz Astral, do concreto ao abstrato.

57. Começando pela Esfera Lunar, a mais próxima da matéria, a ascensão avança pelas esferas de Mercúrio e Vênus, então pelo Sol, Marte, Júpiter e, por fim, Saturno. De lá, pode ainda transcender

para o Firmamento, a Oitava Esfera, e então dissolver-se no Empíreo, o derradeiro Céu onde todas as coisas se unem à essência de Deus.

58. O Céu, verdadeiramente, é qualquer número, mas o primeiro deles que admite análise é Dois. Assim, a Criança olha para o Céu como se fosse Dois, e o Céu se torna Jardim e Palácio.

O JARDIM

59. Os Céus e Infernos que circunvizinham a Terra, embora não existam em matéria ordinária, são ditos concretos porque operam diretamente no nível das Formações e apelam ao sensorial.

60. Se o Inferno Quente é o território da agonia dos sentidos, os primeiros Céus são o seu deleite, morada de pura beleza, prazer e bem-estar. De natureza venusiana, chamam-no Jardim.

61. Assim como a confusão da Floresta Escura é a antessala da negatividade do Inferno, há, antes de se chegar à positividade propriamente dita do Céu, um reino entre a Terra e o Jardim, que faz fronteira também com os reinos elementais, e que muitos chamam de Arcádia, o mundo das fadas.

62. É o lar do encantamento e da fascinação, onde as influências úmidas da Lua são recolhidas e vivificadas pela imaginação humana, habitado pelos espíritos naturais e os seres fantásticos do folclore e



The Quarrel of Oberon and Titania (1849) - Sir Joseph Noel Paton



Hilltop (1926) - Maxfield Parrish

do mito: o povo feérico.

63. Outro de seus nomes é Floresta Encantada, e muitos dizem que ela e a Floresta Escura são na verdade um único domínio espiritual, circundando a realidade material por cima, por baixo e pelos lados.

64. A Floresta, é claro, protege o Jardim: um paraíso cálido e aconchegante, nem quente demais, nem frio demais, recoberto de prados verdejantes entremeados com bosques de frondosas árvores, onde a natureza excede em beleza e harmonia de formas, onde quer que se leve o olhar. De fato, em nenhuma outra região a Natureza encontra tamanha liberdade para empreender suas operações formativas.

65. A paisagem e as formas mudam na medida exata para não entediar os sentidos com a repetição estéril, nem ofendê-los com uma arritmia desordenada.

66. No Jardim, cai a chuva como frescor celestial, e seus habitantes, longe de se esquivarem ávidos por abrigo, recebem em êxtase suas gotas.

67. Vivendo em paz e afetuosa cooperação, dedicam-se a cultivar todo tipo de arte, cujas obras

compõem e fazem crescer o próprio Jardim.

68. A nutrição espiritual corre em rios de leite, os prazeres abundam em lagos de mel, e o êxtase espiritual verte em fontes de bom vinho.

69. Nenhuma descrição pode fazer jus às belezas e delícias que lá existem, e alguns dizem até que tudo o que é belo no mundo terreno foi trazido até ele do Jardim, seja pelo artista ou pelo místico: os únicos mortais a receber permissão para vislumbrar-lhe as belezas e, em raros casos, até mesmo caminhar sobre ele.

O PALÁCIO

70. Como uma árvore que parte-se em duas ao ser refletida para baixo na superfície de um lago, os Céus e Infernos são o reflexo um do outro, ainda que os primeiros tenham sido construídos na Luz e, os últimos, escavados na Escuridão.

71. Se os Infernos Quentes são o reflexo sombrio dos Céus Concretos, os Infernos Frios são a sombra do que podemos chamar de Céus Abstratos.

72. Aquele que saciou seu desejo de deleitar os sentidos no Jardim pode, ao desapegar-se das formas e deixá-las para trás, elevar-se ainda mais e ascender às alturas dos Céus Abstratos, onde encontrará o êxtase da felicidade.

73. Nas alturas do Céu Abstrato, a Alma expande seu horizonte a ponto de fazê-lo flertar com o infinito, e sua vista ampliada concede a experiência da vastidão e um vislumbre do Sublime.

74. Enxerga cada vez mais longe e cresce em sabedoria, compreendendo na medida em que silêncio. Recebe na medida em que deixa seus fardos de tempo para trás.



Em Valhalla (1911) - Karl Ludwig Prinz



Laputa, "O Castelo no Céu" (1986) - Animação de Hayao Miyazaki

75. Assim, a natureza dos Céus Abstratos é jupiteriana: o entusiasmo de caminhar entre os deuses de glória e majestade, partilhando das coisas grandiosas do mundo, e a felicidade de alinhar-se ao próprio coração.

76. Sendo habitação dos deuses imortais, é como uma cidade ou palácio celestial, construído no corpo do próprio Céu no cume da Montanha, ou diretamente sobre as nuvens, como descrevem alguns: símbolos apropriados da sutileza etérea dessas regiões.

77. De fato, um dos nomes dos Céus Abstratos é simplesmente Palácio, simétrico ao Castelo do Inimigo.

78. Ainda que não haja imagem para aquilo que transcende as formas, suas regiões são como mandalas geométricas onde os poderes do mundo estão equilibrados e organizados em justiça, como um espelho fiel da Lei Divina, e de fato alguns chegam a dizer que sua própria estrutura é a Lei.

79. Nenhum mortal pode adentrar os portões do Palácio, que só admite aqueles que transcenderam a própria mortalidade ao se tomarem verdadeiros heróis, pois só vive na morte aquele que morre na vida, ainda que seja em seu último instante.

80. Embora a eternidade esteja reservada ao não-dual, o Palácio é a terra da imortalidade, onde a claridade radiante da luz do Dia mantém afastada a decadência entrópica, permitindo à alma alcançar as alturas de sabedoria e poder que lhe são suas por direito de nascimento.

81. Os deuses são os conceitos vivos através dos quais a realidade é conceitualizada antes de receber forma e se manifestar. São verdadeiramente os poderes que moldam o mundo.

82. Se o Inferno é o passado, o Céu é o futuro, pois os acontecimentos da matéria já existem aqui, ainda que rarefeitos na forma de mito e símbolo, muito antes de se definirem e de fato manifestarem.

83. O passado é memória, o futuro é imaginação. Tudo o que a imaginação imagina, é imaginado no futuro, e em nenhum outro lugar poderia ter sido imaginado.

84. Há muitos palácios no Palácio e há muitos deuses em Deus. Deuses e seus palácios confundem-se a ponto de não ser possível saber se o palácio pertence ao deus ou vice-versa.

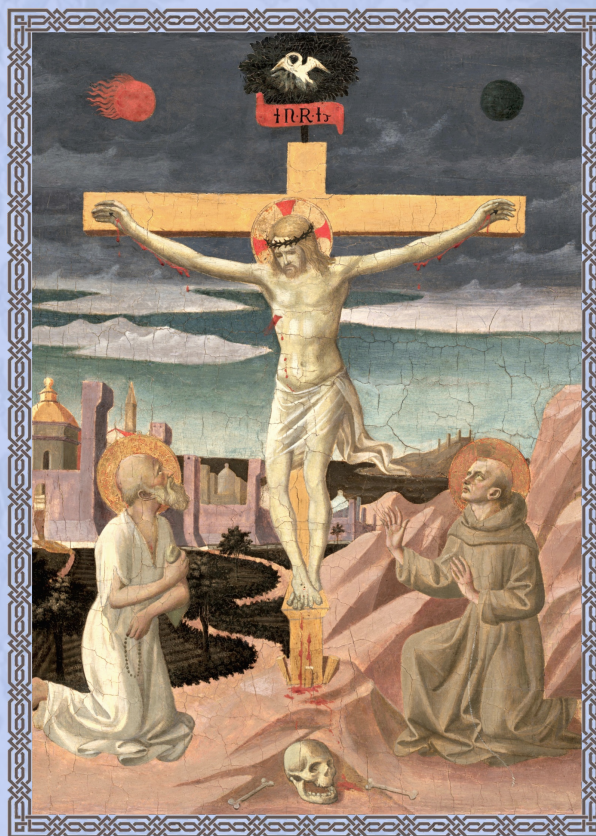
85. Dentre os deuses, o maior em sabedoria e poder é Céu, cujo papel é administrar, antes de tudo, os habitantes da Cidade Celestial.

REDENÇÃO

86. Aqui, o herói vê passar diante de si a procissão de todos os deuses, circunscrevendo um último círculo para mostra-lhe o centro, desentocando um último observador a ser observado, de um último mundo a ser nilificado.

87. O Palácio também é chamado, por alguns, de Castelo do Graal ou Castelo do Crânio, ou mesmo simplesmente de Crânio Cinzento, pois é no topo do Monte Gólgota que jaz a Cruz do Sacrifício de Christos, feita com madeira da própria Árvore da Vida.

88. Muitos esquecem, todavia, que foi também no



"Cristo na Cruz, adorado por São Jerônimo e São Francisco" (1445-1450) - Francesco Pesellino



Gólgota que Adão fora criado e enterrado na morte, e não se atentam para o fato que a Cruz fora erguida precisamente sobre seu túmulo.

89. Assim, no instante em que o sangue derramado do Cordeiro escorre pela cruz e banha o crânio de Adão, lava a mácula do pecado original, a ilusão da separação, e resgata a humanidade.

90. Santificado pelo Sangue Vivo, a Montanha torna-se o altar do mundo, um lugar santificado por onde os anjos e deuses podem descer, um ponto de transcendência conectado diretamente ao instante cosmogônico atemporal.

O Topo da Existência

91. Alguns olham a Montanha Sagrada como Ascensão, e enxergam embutidos nela todos os céus, galgados um a um durante a subida e culminando no Cume, o Topo da Realidade.

92. Outros, contudo, dizem que o Cume é na verdade a parte mais elevada da Terra, mas ainda Terra, como o Monte Purgatório, cuja subida é a purificação que concede acesso aos céus acima, sem ser Céu.

93. Assim como Polaris brilha alto sobre a Montanha, no centro do mais elevado céu ergue-se a porta para o Sublime, aberta apenas para os que resolvem o paradoxo entre o topo e o fundo, relembrando a verdadeira natureza da Existência.



"O Empíreo" (1867) - Gustave Doré



Figura 8.1 - Axis Mundi

94. Em contraste e diametral oposição ao vórtice de aniquilação que é o Sumidouro, essa porta é percebida pelos habitantes do mundo como Fonte de Todas as Coisas: um vórtice luminoso de existência pura.

95. Para a Criança, contudo, é a simples expressão de sua vontade, igualmente pura, de que algo exista.

96. Entre o topo e o fundo da Existência, estende-se o Eixo do Mundo, tronco da Árvore e sustentáculo de todos os reinos da Criação, como



"The Shores of Valinor" (1992) - Ted Nasmith

um gradiente da claridade para a escuridão: Fonte, Palácio, Jardim, Floresta Encantada, Terra e as quatro direções dos Reinos Elementais, Floresta Escura, Infernos Quentes, Infernos Frios e Sumidouro.

97. Um pólo é união, longevidade, visão, abundância e bem-aventurança; o outro, separação, brevidade, cegueira, escassez e sofrimento.

98. Entre o topo e o fundo da Existência, não apenas o Espaço se desenrola, mas também o Tempo. Pode parecer para aquele que habita o Mundo-história, que o Agora é uma coisa que se desdobra dentro do Tempo, mas para aquele que habita a Existência, é o Tempo que se desdobra dentro do Agora, a eternidade onde coalescem passado, presente e futuro.

99. A Existência é duas enquanto Luz e Sombra:

ordem criadora e caos aniquilador; e ao mesmo tempo uma, como resultado e manifestação das operações misteriosas do Sublime, estando para ele assim como a Terra está para o Céu.

100. Assim, a Existência é ao mesmo tempo Totalidade e Vacuidade, Verdadeiro Ser e Não-Ser.

101. Ao seu movimento interno do Um para o Dois, chamamos Queda e, do Dois para o Um, Ascensão.

102. O jogo paradoxal de luz e sombra que ocorre dentro da Existência é a Causa Primeira, motor imóvel que a tudo move sem que ele próprio se mova.

103. Por isso chamam-na alguns de Céu Empíreo: a habitação do Uno e seus Eleitos.

